

A UTILIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL EM PESQUISAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA QUALITATIVA: UMA ANÁLISE DO PROJETO ESCOLA ECOLÓGICA EM REDE (UBERABA/MG) ¹

*Lúcia de Fátima Estevinho Guido*²

*Emylia Angélica Da Costa*³

RESUMO

O presente trabalho descreve e analisa a importância da utilização de grupos focais como ferramenta metodológica em pesquisas de Educação Ambiental e como essa técnica permitiu que discussões; trocas de experiências e compreensões de meio ambiente e Educação Ambiental aparecessem com base na interação entre os alunos participantes do projeto *Escola Ecológica em Rede*. O artigo menciona o uso de fotografias como dispositivo de fazer falar, possibilitando que o sujeito seja conduzido a produzir novas linguagens e a descrever sensações e sentimentos sobre aquilo que a fotografia representa. A pesquisa possui caráter qualitativo exploratório, sendo realizada no ano de 2013 em três escolas municipais de Uberaba/MG.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo focal. Educação Ambiental. Fotografia.

THE USE OF FOCUS GROUP RESEARCH IN ENVIRONMENTAL EDUCATION AND QUALITATIVE METHODOLOGICAL STRATEGY: AN ANALYSIS OF THE SCHOOL ECOLOGICAL NETWORK PROJECT. (UBERABA/MG)

¹ Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado defendida em 2014, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU) e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

² Doutora em Educação. Docente no Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: luciag@umuarama.ufu.br.

³ Mestre em Educação. Professora da Rede Pública de Ensino de Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: emyliaac@yahoo.com.br

ABSTRACT

The present work describes and analyzes the importance of using focus groups as a methodological tool in research on environmental education and how this technique has allowed discussions, exchanges of experiences and comprehensions of the environment and environmental education appeared from the interaction among students/participants of the *School Ecological Network* project. The article mentions the use of photographs as a device to talk, enabling the subject to be driven to produce new languages to describe sensations and feelings about what the picture is. The research has exploratory qualitative character, being held in 2013 in three public schools in Uberaba / MG.

KEYWORDS: Focus group. Environmental Education. Photography.

Introdução

Como prática educativa, a Educação Ambiental (EA) tem sido integrada, nos espaços formais e não formais de ensino, como um conjunto de relações sociais que se constitui em torno da preocupação com o meio ambiente. Desde a sua legitimação como campo pedagógico, a EA se encontra em um antagonismo permanente de enfoques, posturas teóricas e metodologias. Em outras palavras, uma pluralidade de discursos tem sido criada, possibilitando perspectivas sociais no campo ambiental (GONZALEZ-GAUDIANO, 2006). Silva e Campina (2011) consideram que a pluralidade é uma característica própria da EA e que não existe uma única concepção, sendo necessário que estratégias sejam desenvolvidas para o reconhecimento e análise dessa pluralidade.

E é nas escolas que as atividades de Educação Ambiental são mais expressivas. Desde 2001, perguntas sobre a oferta da Educação Ambiental no ensino fundamental, passaram a fazer parte do censo escolar promovido anualmente pelo Instituto Nacional de Educação e Pesquisa Anísio Teixeira (INEP). Das escolas de ensino fundamental, que responderam ao censo no ano de 2001, 61,2% declaram trabalhar com EA. Três anos depois (2004),

esse percentual saltou para 94%, demonstrando que a prática de Educação Ambiental se universalizou no sistema de ensino fundamental no País (VEIGA; AMORIM; BLANCO, 2005).

Desde então, estimulados pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil (MEC), os projetos de Educação Ambiental, em suas diferentes dimensões, apresentaram um crescimento bastante significativo no meio escolar. Conforme consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a prática de projetos é incentivada principalmente para o trabalho com os temas transversais (BRASIL, 1998). Palmieri (2011) menciona que os projetos em EA nas escolas vêm sendo desenvolvidos por meio de propostas provenientes de instituições externas à escola, ou surgem com base na identificação de problemas e/ou intervenção na realidade.

É nesta perspectiva de implantação da Educação Ambiental na educação formal por meio de projetos que a problemática deste trabalho foi construída. Entre os anos de 2010 e 2013, a Secretaria Municipal de Educação de Uberaba/MG (SEMED), decidiu participar de uma ação coletiva, numa proposta arrojada de EA para o município, desse modo, beneficiaria moradores, alunos e familiares das escolas participantes. Foi nesse contexto que a *Escola Ecológica em Rede* foi criada. A intenção do projeto era buscar uma mudança comportamental, baseada em atitudes sustentáveis que valorizassem o meio ambiente, propiciando qualidade de vida para todos.

O projeto *Escola Ecológica em Rede* funcionava nas instalações das escolas municipais em regime quinzenal, com um plano de atividades desenvolvidas conforme a realidade de cada instituição, e possuía acompanhamento técnico de estagiários, estudantes do curso de Engenharia Ambiental, pertencentes à Universidade de Uberaba (Uniube), que compartilhavam de modo interativo, conhecimentos específicos da área ambiental com os estudantes durante as práticas de EA. Com base nessas considerações que marcam a Educação Ambiental escolar na Rede Municipal de Ensino de Uberaba, vinculada a um projeto de intervenção, a

preocupação da pesquisa de mestrado, ao qual este artigo é fruto, focou em como os alunos compreendem o projeto *Escola Ecológica em Rede*. Motivada por esse questionamento e fundamentada em referenciais teóricos da Educação Ambiental, a pesquisa teve como objetivo conhecer o projeto *Escola Ecológica em Rede* baseada nas falas de seus participantes. Para isso, o grupo focal foi a ferramenta metodológica escolhida para captar as informações a respeito do Projeto na concepção dos discentes.

Este artigo tem a intenção de apresentar como foi realizado o grupo focal na pesquisa supracitada, enfatizando sua metodologia, além de mencionar algumas considerações sobre os resultados obtidos, pela apropriação dessa ferramenta metodológica.

A construção do grupo focal para a compreensão do projeto *Escola Ecológica em Rede*

A presente pesquisa seguiu uma perspectiva qualitativa exploratória. Raupp e Beuren (2006) denominam como pesquisa qualitativa exploratória todo e qualquer estudo onde há pouco conhecimento sobre a temática que será abordada. Concentrar-se em algo que necessita ser esclarecido ou explorado é uma das finalidades desta tipologia de pesquisa. Esses autores esclarecem que “explorar um assunto significa reunir mais conhecimento e incorporar características inéditas, bem como buscar novas dimensões até então não conhecidas” (Ibidem, p. 81).

Com o objetivo de conhecer como os alunos compreendiam o projeto em que estavam inseridos, o grupo focal foi um dos instrumentos de coleta de dados. Os dados foram coletados entre os meses de fevereiro e julho de 2013 em três escolas municipais de Ensino Fundamental de Uberaba. Para a seleção das escolas levou-se em consideração aquelas localizadas em

bairros onde há predominância de problemas ambientais⁴. Foram selecionadas as seguintes escolas:

- Uma escola rural - a Escola Municipal Sebastião Antônio Leal (EMSAL), que possui em suas proximidades o Aterro Sanitário de Uberaba.
- Uma escola urbana situada na região central - a Escola Municipal Urbana Frei Eugênio (EMUFE). Por estar próximo ao centro financeiro da cidade de Uberaba, a região apresenta intenso tráfego de veículos, poluição sonora e atmosférica. Em dias chuvosos, a região apresenta inundações provocadas por enchentes.
- Uma escola urbana, situada na periferia da cidade - a Escola Municipal Professora Stella Chaves (EMPSC), estabelecida no bairro Alfredo Freire - arquitetado a poucos metros de um Distrito Industrial (DI) e separado fisicamente do DI e da cidade pela rodovia BR 050 (TEOBALDO NETO, 2008).

Como sujeitos da pesquisa, foram convidados a compor o estudo os alunos que participaram da *Escola Ecológica em Rede* no ano de 2012. O convite foi elaborado por meio de um levantamento, que teve como objetivo verificar quantos alunos fizeram parte do Projeto no ano de 2012 e quantos deles ainda permaneciam matriculados nas referidas escolas até o momento da coleta de dados. Aqueles que aceitaram fazer parte da pesquisa foram devidamente informados quanto à realização do estudo. Entretanto, os sujeitos da pesquisa, por serem menores de idade, necessitaram de uma prévia autorização de seus responsáveis que, foram elucidados quanto à pesquisa por um termo de esclarecimento.

Durante o processo de levantamento de dados sobre o projeto *Escola Ecológica em Rede*, foram encontradas nos arquivos das escolas fotografias produzidas pelos educadores e educadoras ambientais durante as atividades

⁴ Enumera-se como problemas ambientais: nuvens de fumaça; poluentes do ar e da água, lixo; ruas barulhentas; engarrafamento e desaparecimento de paisagens rurais. Aponta-se como causa destes problemas urbanos a desenfreada expansão urbana; a industrialização e a falta ou ineficiência de instituições sociais, legisladoras e fiscalizadoras (TEOBALDO NETO, 2008).

do Projeto. Para Kossoy (1989), as fotografias são importantes documentos que retratam o passado de algo ou fato, desse modo, para esta pesquisa, as imagens encontradas foram determinantes durante os grupos focais, sendo utilizadas como elementos estimuladores para os sujeitos expressarem suas opiniões.

O grupo focal consiste em uma técnica onde a dinâmica interacional entre os participantes e o pesquisador permite adquirir dados pela discussão focada em tópicos específicos (LERVOLINO; PELICIONI, 2001). Dal'igna (2012) diferencia essa técnica das demais por produzir informações com base no diálogo entre integrantes de um mesmo grupo, na busca de ideias tanto consensuais quanto contrárias. Gatti (2005) argumenta que a técnica possibilita a compreensão de sentimentos, representações e possíveis fatores que influenciam ou motivam as opções e os porquês de determinados posicionamentos.

Observou-se o exercício do grupo focal em EA nos trabalhos de Mendes e Vaz (2009) e de Salgado e Oliveira (2010). Mendes e Vaz (2009) serviram-se da técnica para levantar e classificar experiências e perspectivas de professores com relação à EA no ensino formal. Salgado e Oliveira (2010) empregaram o grupo focal em um estudo de percepção ambiental que permitiu levantar as diferentes percepções dos envolvidos em um projeto (Projeto Brotar) em relação à área verde da Microbacia do Córrego Água Quente, na cidade de São Carlos/SP.

Na tentativa de minimizar possíveis erros na aplicação do grupo focal, a ferramenta metodológica, no estudo sobre o projeto *Escola Ecológica em Rede*, foi submetida a um teste piloto antes da coleta de dados propriamente dita. Mendes e Vaz (2009) também aplicaram grupos focais experimentais para testar a eficiência do método em relação aos objetivos de seu estudo.

A análise das discussões realizadas, com base no teste piloto, demonstrou-se possível à obtenção de informações significativas dos sujeitos por meio do grupo focal. Ademais, com o teste piloto conseguiu-se corrigir falhas como: o melhor ângulo para a filmagem, a postura do moderador, a

entonação de voz para a captação do som, bem como a inserção de novos recursos visuais, como o acréscimo de imagens mais significativas para capturar os discursos.

Uma vez obtido o levantamento dos alunos para participarem desse estudo, tomou-se o cuidado para que a composição do grupo focal não fosse organizado em demasia nem excessivamente pequeno. Assim, os grupos focais geridos nesse estudo, foram baseados nas orientações de GATTI (2005) que sugere que os grupos focais sejam “preferencialmente entre seis e 12 participantes” (GATTI, 2005, p. 22).

A autora ainda afirma que ao se trabalhar com grupos onde o número de componentes seja maior que dez pessoas, limitam a oportunidade de troca de ideias e elaboração de questões, além do mais, dificultam o aprofundamento e o tratamento do tema bem como dos registros. Desse modo delimitou-se, durante a formação dos grupos, um número mínimo (cinco) e um número máximo (oito) para cada grupo. No entanto, apenas a EMPSC permaneceu com a quantidade máxima (oito) estabelecida, para os encontros.

Desse modo compuseram a pesquisa 19 alunos, em idades entre oito e 14 anos, 13 eram do sexo feminino (68%) e seis do sexo masculino (32%). Todos estudantes do ensino fundamental, sendo cinco matriculados nos anos iniciais (26%) e 14 matriculados nos anos finais do ensino fundamental (74%).

Os grupos focais aconteceram separadamente nas três escolas. Combinou-se com os alunos a realização de um encontro, mas, caso houvesse necessidade, seriam acrescentados outros para que o objetivo do estudo fosse alcançado. Os encontros ocorreram nas bibliotecas escolares por serem locais de fácil acesso e por não apresentarem interferência de som proveniente de outras partes da escola, portanto, a biblioteca foi considerada um espaço adequado para as gravações.

Para assegurar o diálogo entre os envolvidos e para que a palavra não permanecesse apenas com a moderadora, foi elaborado um roteiro, com os

tópicos abordados, os objetivos e a duração prevista. O roteiro proposto para este trabalho é uma adaptação aos modelos descritos por Silva (2010) e Dal'igna (2012), conforme demonstra a figura 1.

Figura 1 - Roteiro Grupo Focal

ROTEIRO GRUPO FOCAL
Encontro I
<p>Grupo: Estudantes do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Uberaba/MG, participantes do projeto <i>Escola Ecológica em Rede</i>.</p> <p>Registro: Gravação em áudio e vídeo.</p> <p>Tópico de discussão: Identificação dos discursos sobre meio ambiente e educação ambiental; conexões estabelecidas entre os alunos e o <i>Projeto Escola Ecológica em Rede</i>.</p>
<p>Objetivo(s): Por meio de imagens, estimular os estudantes a expressarem sua compreensão sobre meio ambiente. Verificar as conexões que os alunos estabelecem com o projeto.</p>
<p>Organização da atividade</p>
<p>Parte I (5 min.)</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Agradecimento ao grupo pela disponibilidade em participar da pesquisa; ○ Apresentação e localização da pesquisa e dos participantes; <p>Parte II (15 min.)</p> <p>→ <u>Estímulo para discussão</u></p> <p>A moderadora dispõe 30 fotografias sobre uma mesa, na qual os alunos deverão escolher duas fotografias para serem apresentadas ao grupo. A primeira fotografia selecionada deverá ser a que chamar mais atenção, ou seja, aquela que eles acharem interessante por algum detalhe. A outra</p>

fotografia escolhida deverá ser aquela em que melhor representa meio ambiente. Lembrá-los que uma mesma fotografia poderá ser escolhida por mais de um aluno. Dar um tempo para eles se familiarizarem com as fotografias para a percepção das reações de cada participante e do grupo.

Parte III (50 min.)

Apresentação das imagens pelos estudantes e discussão.

→ Discussão

A moderadora solicita que os alunos façam comentários sobre as imagens de um modo geral, perguntando “Por que você escolheu essa fotografia?”, “O que lhe chamou atenção em relação a ela?” Em seguida a moderadora solicita que os alunos montem uma sequência de fotografias conhecidas, na intenção que eles narrem a história do projeto. O que as imagens contam para vocês? Que histórias elas contam? Todas as fotografias retratam meio ambiente? As imagens contam sobre Educação Ambiental?

Parte IV

- Finalização da atividade com agradecimentos e lanche (20 min.).

Fonte: Adaptado de Silva (2010) e Dal'igna (2012)

Ações, sentidos e percepções nos encontros

Os encontros foram iniciados em todos os grupos com agradecimentos pela disponibilidade em participar, seguido das apresentações e a localização do estudo. As conversas eram iniciadas com base nas fotografias selecionadas (materiais de estímulo) que incentivavam as discussões. As fotografias eram dispostas sobre a mesa, de modo aleatório, para que os alunos não percebessem que as mesmas estavam ali de maneira intencional. Ao olharem para elas logo foram manifestando semelhanças e diferenças

entre as escolas, em relação à execução das atividades propostas pelo projeto *Escola Ecológica em Rede*.

Primeiramente foi solicitado aos participantes que escolhessem duas fotografias dentre aquelas que estavam dispostas sobre a mesa. A primeira deveria ser aquela que mais chamava atenção. A escolha dessa tinha a intenção de perceber se outras imagens, além das pertencentes ao projeto chamavam atenção dos alunos e qual/quais expressões poderiam surgir com base nela. Em seguida, era solicitado aos alunos que pegassem uma fotografia que melhor representava o meio ambiente. Prevendo a ocorrência de dois ou mais alunos decidirem por uma mesma imagem, a moderadora os orientou que não existiria problema algum, pois uma mesma fotografia pode apresentar significados diferentes dependendo de quem se apropria dela.

O exercício de escolherem e relatarem os motivos de suas opções foi também uma maneira encontrada, para que os alunos se sentissem mais tranquilos e confortáveis. Mesmo assim, o receio e a timidez marcaram inicialmente o encontro. Acredita-se que o fato de estarem sendo filmados, a princípio, causou em alguns certo constrangimento, porém, à medida que as discussões aconteceram, os discentes aos poucos se expressaram, deixaram aparecer as experiências vividas no projeto *Escola Ecológica em Rede*. O mesmo fato foi percebido por Mendes e Vaz (2009) que, durante as sessões dos grupos focais, encontraram incertezas por parte dos participantes em relação ao conjunto de perspectivas sobre os temas que seriam compartilhados pelos pares presentes nas sessões.

Ao escolherem as fotografias, os componentes foram orientados a colocarem seus nomes nas mesmas, com a ajuda de papel e clips colorido e, em seguida, mostravam-na para a moderadora, para os colegas e para a câmera. Em grupos focais, a fotografia admite a consideração do sujeito e de suas concepções em uma dimensão subjetiva e social e, ao olhá-las e ressignificá-las, permite que o grupo haja com respeito à diversidade possibilitando uma relação dialógica entre os sujeitos (SILVEIRA; ALVES, 2008).

Assim fizeram com todas as fotografias apresentadas por eles durante o encontro. Durante o processo de transcrição dos grupos focais, esses procedimentos foram imprescindíveis, pois permitiram a identificação de qual/quais imagens cada um estava se referindo em qual momento da discussão em grupo.

Posteriormente, foi solicitado aos alunos que selecionassem fotografias conhecidas por eles, ou que pertenciam à escola que eles frequentavam e montassem uma sequência cronológica de fotografias, que contasse a/as história(s) vivenciada(s) no projeto. Denominado como Foto-Narrativa, este método inspirado em estudos etnográficos, destina-se a construir histórias pela organização de fotografias (ANTUNES; CUNCA, 2010).

As histórias contadas utilizando essa técnica possuem duas variantes: as narrativas podem surgir com evidências fotográficas obtidas por quem as observa e/ou surgem dos próprios sujeitos, que narram suas atividades através da fotografia (ANTUNES; CUNCA, 2010). Para esses autores, as Foto-Narrativas possuem uma natureza muito mais exploratória e motivadora de discussões do que uma natureza analítica dos fatos.

Do mesmo modo que nas histórias em quadrinhos, em que cada quadro vai contando uma parte da história, a sequência de fotografias selecionadas pelos participantes permitiu conhecer, com base nos relatos deles, as histórias que cada imagem trazia. A moderadora ainda questionou aos discentes se as imagens selecionadas retratavam meio ambiente e Educação Ambiental. Desse modo foi possível compreender de que maneira os alunos relacionavam a EA com as fotografias dispostas e o projeto *Escola Ecológica em Rede* em cada escola.

Embora o roteiro fosse o mesmo em todos os grupos, a maneira de aproximação entre a moderadora e o grupo da EMSAL precisou ser diferente. O grupo focal apresentou crianças com idades entre oito e doze anos, assim, a linguagem usada necessitou ser mais simples e o tempo dado

para cada atividade foi maior, devido à dificuldade de compreensão de alguns alunos em relação ao que estava sendo solicitado.

Ao longo da trajetória desse estudo, manteve-se um diário de pesquisa, no qual foram registradas ideias e reflexões, além de questionamentos e fatos que surgiram antes, durante e depois de cada encontro do grupo focal. As anotações existentes nos diários de pesquisa ajudaram durante as transcrições dos encontros dos grupos focais, pois, conforme menciona Gibbs (2009), essas anotações, por mais simples que sejam, trazem à tona lembranças de determinados momentos.

A escolha das fotografias para o grupo focal

A fotografia, ainda pouco trabalhada em Educação, tem sido comumente empregada ao longo dos anos, para a produção de dados, em estudos antropológicos visuais e na etnografia (FLICK, 2009). Entretanto, seu uso no processo educativo, possibilita que a percepção de uma imagem capturada expresse mais do que apenas a sua estética.

A fotografia possibilita que o sujeito seja conduzido a produzir novas linguagens, a descrever sensações e sentimentos sobre aquilo que a fotografia representa, inclusive voltadas a uma dimensão política dos fenômenos representados. Portanto, é um recurso didático válido, que permite, com base em detalhes e características de cada situação apresentada, a geração de problemas e de diálogos, expostos em pensamentos, valores e experiências (SILVEIRA; ALVES, 2008; BARBOSA; PIRES, 2011).

Pensando na utilização da fotografia em Educação Ambiental, Silveira e Alves (2008) consideram que a significação produzida é fruto de um saber coletivo, em que é fundamental a visão do outro para a edificação do saber, desse modo, os autores afirmam que:

Quando o sujeito captura uma imagem, esta, por sua vez, ressoa de algum modo nesse indivíduo. A colocação do significado dessa

imagem no processo educativo permite que haja um acesso mútuo aos conhecimentos, e aquilo que o outro me diz contribui para a minha formação (SILVEIRA; ALVES, 2008, p. 142).

Trabalhos sobre o uso da linguagem fotográfica na EA foram determinantes ao afirmarem a importância dessa arte como forma de expressão, no processo de sensibilização e transformação de educandas e educandos (BORGES; ARANHA; SABINO, 2010), na interpretação de narrativas visuais (SALGADO, 2012) e na percepção ambiental (BARBOSA; PIRES, 2011).

Salgado (2013) cria o “*Foto-dispositivo*”. O termo se refere a “uma lógica, um pensamento, que instituiu condições, regras e limites para que a foto fosse produzida, pensando o ato de fotografar como um agir, uma ativação, que permitisse às pessoas contarem outras narrativas sobre o Sertão do Peri” (SALGADO, 2013, p. 6). A autora afirma que o ato de produzir ou observar fotografias como uma atividade promovida pela Educação Ambiental pode propiciar uma experiência onde o saber de diferentes sujeitos é compartilhado sem a necessidade de produzir um consenso.

Durante o processo de levantamento das informações colhidas para esse estudo, encontrou-se um número significativo de imagens produzidas pelas escolas. As fotografias registravam diferentes ações dos alunos, no projeto *Escola Ecológica em Rede*. Diante da riqueza de informações que poderiam surgir do contato dos alunos com as imagens, decidiu-se usar os registros fotográficos das escolas como material de estímulo durante os grupos focais. Silveira e Alves (2008) assinalam que a fotografia além de ajudar a perguntar e ser provocadora de alguns questionamentos também pode apontar reflexões.

De posse das fotografias, empregou-se um olhar atento para subsidiar a seleção que comporia o primeiro momento do grupo focal. Os critérios utilizados para a escolha e organização das imagens levaram em consideração os detalhes das ações do Projeto, que estavam registrados nas

mesmas, sendo: Grupo 1) oficinas de arte com materiais recicláveis; Grupo 2) palestras e aulas de campo; Grupo 3) estudos dirigidos pelos livros paradidáticos e Grupo 4) jardins e hortas. Entretanto, algumas imagens foram selecionadas intencionalmente, visto que poderiam trazer informações mais específicas a respeito do Projeto.

Com a finalidade de estimular os integrantes a expressarem sua compreensão de meio ambiente com base no projeto ao qual estão inseridos, optou-se por imagens baseadas nos conceitos de meio ambiente proposto por Reigota (2007).

Este compilado, inicialmente, foi composto por fotografias do acervo disponibilizado pelas escolas. No entanto, elucida-se que outras fotografias, obtidas do arquivo pessoal das pesquisadoras e da internet, foram acrescentadas para que os alunos se apropriassem de outras imagens e pudessem formular suas próprias concepções de meio ambiente. Baseado na categorização de Reigota (2007), as imagens foram compiladas em: naturalistas; antropocêntricas e globalizantes.

Ao todo, 30 fotografias que, por minuciosa seleção, foram organizadas conforme as intenções supramencionadas e partiram para impressão. Depois receberam um número, grafado no lado oposto ao impresso, na finalidade de serem usadas durante os grupos focais.

A Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) foi o método utilizado para analisar os dados após as transcrições e a separação das fotografias selecionadas pelos alunos durante os grupos focais. O método da análise de conteúdo se tornou importante para esse estudo, pois permitiu compreender como são construídos os significados de meio ambiente e de Educação Ambiental exteriorizados nos discursos dos alunos, com base na relação estabelecida entre eles e o projeto *Escola Ecológica em Rede*.

Resultados e considerações

Do contato com as fotografias, percebeu-se que, ao utilizá-las como dispositivo de fazer falar, essas poderiam trazer as informações que se buscava. Desse modo, em meio a tantas imagens, e por meio de uma minuciosa seleção baseada nos detalhes que foram sendo percebidos nas fotografias, foram selecionadas aquelas que pudessem fazer com que os alunos falassem a respeito do projeto. Das fotografias emergiram sentimentos, experiências vivenciadas no/pelo Projeto, alguns aspectos políticos e pedagógicos sobre o mesmo, além das compreensões de meio ambiente e Educação Ambiental. Portanto, neste processo criativo, a pesquisa passou a se fundamentar nas relações estabelecidas entre os participantes, as fotografias e o *Escola Ecológica em Rede*.

A primeira fotografia escolhida apresentou impressões e dizeres. Verificou-se que a escolha desta primeira imagem, denominada como a mais chamativa, não restringiu-se apenas àquelas pertencentes às suas respectivas escolas, mas seus olhares também estiveram voltados às fotografias de outras escolas. A condução e organização das atividades desenvolvidas foram os principais motivadores da escolha desta primeira fotografia. Para os alunos, as atividades propostas pelo projeto *Escola Ecológica em Rede*, quando realizadas em grupos, proporcionam a troca de experiências e conhecimento, além de momentos de descontração. Ao visualizarem si mesmos, colegas e/ou outros conhecidos na execução dessas atividades, os discursos apresentados pelos alunos, assim como as fotografias, foram considerados importantes, pois revelaram a existência de uma relação de apropriação com o projeto por parte de seus participantes.

As fotografias, selecionadas e organizadas pelos discentes, em uma ordem cronológica dos acontecimentos, e suas respectivas histórias, evidenciaram as escolhas nas diferentes escolas participantes, em relação à condução das atividades propostas pelo projeto *Escola Ecológica em Rede*. O trabalho em grupo, a implantação de hortas e jardins nas escolas e a atividade de contação de histórias foram questões apontadas pelos discentes em suas falas, já que apareceram em várias fotografias do acervo do Projeto

nas diferentes escolas. Ressalta-se que, durante a análise dos dados, em primazia, foram salientados os aspectos em comum encontrados nas diferentes escolas com base nas fotografias e de suas histórias. Em seguida apresentaram-se as distinções.

As fotografias usadas nos grupos focais, também foram imprescindíveis quando se trata de informações mais específicas. Mesmo não sendo uma preocupação dos alunos, algumas fotografias foram utilizadas como questionadoras pela moderadora. Assim foi possível compreender, por exemplo, como ocorria a seleção dos alunos e qual a relação entre o rinoceronte, que apareceu em algumas das fotografias, e o Projeto, uma vez que esse estava presente em fotografias pertencentes às escolas EMUFE e EMPSC.

Para esse estudo, o grupo focal demonstrou ser uma técnica privilegiada para as discussões, a troca de experiências, elucidação de fatos e compreensões de meio ambiente e Educação Ambiental. O formato adotado nos grupos focais ocorridos nas escolas estimulou as conversações entre os participantes, o que permitiu que as discussões e histórias sobre o projeto *Escola Ecológica em Rede* viessem de modo natural garantindo a eficácia da técnica metodológica em pesquisas qualitativas de Educação Ambiental.

Referências

ANTUNES, Pedro Alexandre de Mourão; CUNCA, Raul. Inovação de produto: uma colaboração entre as ciências e as artes. *Convergências: revista de investigação e ensino das artes*, n. 06, nov. 2010. Disponível em: <<http://convergencias.esart.ipcb.pt/artigo/87>>. Acesso em 03 jun. 2014.

BARBOSA, Leila Cristina Ayoma; PIRES, Dario Xavier. O uso da fotografia como recurso didático para a educação ambiental: uma experiência em busca da educação problematizadora. *Experiência em Ensino de Ciências*, v.6, n. 1, p. 69-84, 2011.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORGES, Marília Dammski; ARANHA, José Marcelo; SABINO, José. A fotografia de natureza como instrumento para a educação ambiental. *Ciência e Educação*,

v.16, n. 1, p. 149-161, 2010. **crossref** <https://doi.org/10.1590/S1516-73132010000100009>

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.) *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 195-217.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONZALEZ-GAUDIANO, Edgar Javier. Educación ambiental y educación para el desarrollo sustentable: ¿tensión o transición? *Trayectorias*, AÑO VIII, n. 20-21, ENERO-AGOSTO 2006, p. 52-62.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.

LERVOLINO, Solange; PELICIONI, Maria Cecília. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Revista da Escola de Enfermagem*, São Paulo, v.35, n.2, p. 115-121, 2001. **crossref** <https://doi.org/10.1590/S0080-62342001000200004>

MENDES, Regina; VAZ, Arnaldo. Educação formal no ensino formal: narrativas de professores sobre suas experiências e perspectivas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 395-411, 2009. **crossref** <https://doi.org/10.1590/S0102-46982009000300019>

PALMIERI, Maria Luísa Bonazzi. *Os projetos de educação ambiental desenvolvidos nas escolas brasileiras*: análise de dissertações e teses. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2011.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.). *Como elaborar trabalhos Monográficos em contabilidade*: teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

REIGOTA, Marcos. *Meio ambiente e representação social*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SALGADO, Gabriele Nigra; OLIVEIRA, Haydée Torres de. Percepção ambiental das/os participantes envolvidos com o projeto brotar (Microbacia do Córrego Água Quente, São Carlos/São Paulo) como subsídio à educação ambiental. *Revista*

Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande do Sul, v. 24, p.397-411, janeiro a julho de 2010.

SALGADO, Gabriele Nigra. Educação ambiental como dispositivo: fotografia em cena. In: PREVE, Ana Maria Hoepers; GUIMARÃES, Leandro Belinaso; BARCELOS, Valdo; LOCATTELI, Julia (Orgs). *Ecologias Inventivas: conversas sobre educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

_____. Educação ambiental e foto-dispositivo: experimentando a fotografia como criação de *outros* sentidos sobre uma “população tradicional”. In: VII Encontro Pesquisa em Educação Ambiental, 2013, Rio Claro. *Problematizando a temática ambiental na sociedade contemporânea*. Disponível em: <http://www.epea.tmp.br/epea2013_anais/pdfs/plenary/0230-1.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2014.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. *A invenção do corpo e seus abalos: diálogos com o ensino de biologia*. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

SILVA, Rosana Louro Ferreira da; CAMPINA, Nilva Nunes. Concepções de educação ambiental na mídia e em práticas escolares: contribuições de uma tipologia. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 6, n. 1, p. 29-46, 2011.

TEOBALDO NETO, Aristóteles. *A qualidade ambiental urbana no bairro Alfredo Freire – Uberaba MG: o desafio da análise e representação*. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

VEIGA, Alinne; AMORIM, Érica; BLANCO, Mauricio. *Um Retrato da Presença da Educação Ambiental no Ensino Fundamental Brasileiro: o percurso de um processo acelerado de expansão*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) Anísio Teixeira, 2005. 23 p. (Série documental).

Recebido em julho de 2015.
Aprovado em fevereiro de 2016.